



## **A midiatização do imaginário no Caso Kliemann<sup>1</sup>**

### **The mediatization of the imaginary in the Kliemann Case**

Ricardo Luís Düren<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, fruto de nossas pesquisas realizadas por ocasião de nossa tese de doutoramento, investigamos como os processos que se estabelecem a partir da materialização do sentido em dispositivos de mídia reconfiguram determinada classe de sentidos chamada de imaginário, entendida como um excedente de significação que se estabelece na subjetividade dos indivíduos. Por esse viés, propomos uma imbricação entre as teorias do imaginário e a epistemologia da midiatização. O corpus de pesquisa é um conjunto de enunciados, em jornais, revistas, gravações em áudio e livro-reportagem, acerca dos eventos ocorridos nos anos 1960 que ficaram conhecidos como Caso Kliemann.

**Palavras-chave:** Midiatização; Imaginário; Caso Kliemann.

**Abstract:** In this article, result of our research carried out on the occasion of our doctoral thesis, we investigate how the processes that are established from the materialization of meaning in media devices reconfigure a certain class of meanings called the imaginary, understood as an excess of meaning that is establishes in the subjectivity of individuals. For this reason, we propose an overlap between the theories of the imaginary and the epistemology of mediatization. The research corpus is a set of statements, in newspapers, magazines, audio recordings and book-reports, about the events that occurred in the 1960s that became known as the Kliemann Case.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

<sup>2</sup> Jornalista, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (PPGL-Unisc), como bolsista da Capes, e doutorando do PPGL-Unisc como bolsista da Capes. Integrante do grupo de pesquisa Jornalismo Midiatizado e Circulação, vinculado ao PPGL-Unisc.



**Keywords:** Mediatization; Imaginary; Kliemann Case.

### **1 O Caso Kliemann**

Neste trabalho apresentamos a proposta de pesquisa sobre a qual nos debruçamos para fins de nossa tese de doutoramento, a qual busca observar as reconfigurações que, a partir dos processos inerentes à midiatização, incidem sobre uma determinada classe de sentidos chamada de imaginário. Para tanto, em nosso trabalho buscamos estabelecer um diálogo entre a epistemologia da midiatização e as pesquisas da ordem do imaginário. Para dar início à nossa exposição, vamos narrar a seguir determinados incidentes ocorridos nos anos de 1960 que ficaram conhecidos como Caso Kliemann e que nos servem de corpus de análise na citada pesquisa.

Já passavam das 14 horas de 31 de agosto de 1963 quando o vereador Floriano Peixoto Karan Menezes, mais conhecido pelo apelido de Marechal, sentou-se diante do microfone da Rádio Santa Cruz, em Santa Cruz do Sul (RS), e, com a emissora ao vivo, deu início a um discurso marcado por críticas ao deputado estadual Euclides Nicolau Kliemann, adversário político do partido ao qual o vereador era filiado. Conforme narra De Grandi (2010), em dado momento Marechal passou também a defender correligionários que, minutos antes, haviam sido criticados por Kliemann, quando esse estava ao microfone. O vereador afirmou então que as críticas de Kliemann eram “baixas” e que partiram “[...] de um elemento que é ou foi, e os jornais aí estão para o dizer: suspeito. Suspeito no caso havido com sua esposa” (MENEZES, 1963, *grifo nosso*).

Marechal referia-se ao misterioso assassinato da esposa de Euclides, Margit Kliemann, encontrada morta – após ter sido golpeada com um instrumento contundente – em 20 de junho de 1962 no casarão onde a família vivia, em Porto Alegre. A autoria do crime nunca foi descoberta mas, no curso da investigação, o deputado tornou-se o principal suspeito da polícia – fato amplamente explorado pela imprensa na época. Conforme De Grandi (2010), no período das investigações o jornal Diário de Notícias,



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

de Porto Alegre, triplicou a venda avulsa e o Última Hora, também da Capital Gaúcha, quadruplicou sua tiragem – ambos apostando em reportagens com investigações paralelas às da polícia e, segundo o autor, também na invenção de fatos e personagens (supostas testemunhas, por exemplo) que sequer existiam.

Conforme De Grandi (2010), a menção ao assassinato de Margit, por parte do vereador, irritou Euclides Kliemann. Ao ouvir a afirmação de Marechal, o deputado, que permanecia no prédio da Rádio Santa Cruz, invadiu o estúdio e afirmou: “Essa não!” Ante a invasão, Marechal sacou um revólver e acertou um tiro no coração do deputado, que morreu na hora. E o estampido ecoou, ao vivo, nos aparelhos de rádio de milhares de ouvintes da emissora. A gravação onde ouve-se o discurso do vereador, seguido pela interrupção de Kliemann e do som do tiro, persiste até hoje – e, assim como De Grandi (2010), também tivemos acesso a ela para fins de nossa pesquisa.

Como pesquisadores interessados nos fenômenos inerentes à mídiatização, podemos observar, no incidente descrito acima, uma série de peculiaridades que sugerem a possibilidade de investigações e inferências à luz dessa epistemologia. Uma delas está presente na própria alusão, feita por Marechal (trecho em itálico, no excerto acima), ao papel desempenhado pelos jornais como agentes que informaram e confirmaram que Kliemann era suspeito da morte da esposa. Podemos inferir que os jornais foram enunciadores que, ao materializar em um dispositivo de mídia (o papel impresso) determinado sentido (Kliemann é suspeito da morte da esposa), dotaram este sentido de autonomia e persistência (VERÓN, 2013), possibilitando que este sentido tenha chegado a milhares de leitores – incluindo o próprio Marechal – que se encontravam e/ou se encontram distanciados dos meandros do rito policial inerente à investigação da morte de Margit tanto em termos de espaço quanto de tempo. Mostra disso é que o armazenamento destes jornais possibilita que, ainda hoje, tenhamos acesso a estes enunciados.

Pode-se inferir também que, por conta dos processos inerentes à circulação – à defasagem (VERÓN, 2005 e 2013) que se instaura entre as condições e gramáticas de produção e condições e gramáticas de reconhecimento – houve reconfigurações do



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

sentido proposto pelos enunciadores, potencializadas pelo transcurso do tempo. Cumpre aqui citar que, para o autor, as condições de produção (CP) e de reconhecimento (CR) dizem respeito ao acesso às tecnologias – bem como, capacidades econômicas – que proporcionam a materialização dos sentidos e sua posterior apreensão. Já as gramáticas dizem respeito às regras morais, sociais e culturais que, inicialmente, guiam o processo enunciativo dos produtores do discurso (no caso das gramáticas de produção - GP) e, posteriormente, conduzem a interpretação dos leitores, ouvintes ou expectadores (no caso das gramáticas de reconhecimento - GR). O argumento de Verón (2005 e 2013) é que entre esses dois polos – de produção e de reconhecimento – se estabelecem mudanças nas condições e nas gramáticas, por conta do transcurso do tempo ou de variações sociais e geográficas. Por conta disso, o próprio sentido fica à merce de reconfigurações.

É preciso observar também que, conforme observa Fausto Neto (2018), o avanço das pesquisas em mídia constatou que este intervalo entre a produção do enunciado e seu reconhecimento – que é da ordem da circulação – é caracterizado não só por defasagens e desvios, mas por complexos processos de negociação de sentidos entre os enunciadores e seus destinatários, processos esses que recebem também a interferência de outros feixes de sentido, não autorizados pelos enunciadores primeiros, que se interpõem entre os dois polos da semiose. Observamos que a constatação elencada por Fausto Neto (2018) está bastante imbricada no atual contexto social, de uma sociedade na qual o crescente acesso a novas tecnologias de materialização do sentido (caso da internet) proporcionou o surgimento de novos agentes de enunciação, externos ao aparato de comunicação institucionalizado formado por jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão. Estes novos agentes, vinculados a campos laborais diversos para além do campo jornalístico (FAUSTO NETO, 2018), por conta de seu acesso às novas tecnologias, interpõem ao discurso institucionalizado feixes de sentido novos e desautorizados pelas instituições jornalísticas, contribuindo para a reconfiguração dos sentidos inicialmente enunciados.



---

Cumpramos lembrar, porém, que o desenvolvimento e popularização da internet são posteriores ao Caso Kliemann, nosso corpus de análise. Contudo, em nossa pesquisa observamos que, mesmo antes do advento da internet, agentes externos às instituições jornalísticas tinham a possibilidade de materializar sentidos que, muitas vezes, se opunham aos sentidos oferecidos pelos jornais, rádios e televisões. Constatamos que o fenômeno ocorreu, por exemplo, por meio de panfletos impressos distribuídos nas ruas, ou mesmo, pela publicação de anúncios e pedidos pagos nos próprios jornais. Observamos também que o próprio Marechal agiu como um novo agente enunciativo, externo ao campo institucional de enunciação (o jornalístico), gerando novos feixes de sentido por conta da oportunidade de acesso a uma tecnologia de mídia específica (o rádio).

Portanto, nos parece viável que os processos da ordem da circulação tenham se interposto nas narrativas midiáticas acerca do Caso Kliemann, gerando reconfigurações de sentidos na esteira da autonomia e da persistência e, eventualmente, recebendo interferências de outros feixes de sentido, oriundos de agentes externos ao aparato midiático institucional, neste processo. Mais adiante retomaremos a dinâmica da processualidade da mediação, buscando demonstrar de que forma tal processo pode ter agido – e ainda age – como reconfigurador de sentidos da ordem do imaginário emergentes a partir dos episódios conhecidos como Caso Kliemann. Para tanto, cumpre, antes, apresentarmos o conceito de imaginário com o qual trabalhamos.

## **2 O que é o imaginário?**

No que tange ao imaginário, filiamos-nos ao pensamento de Silva (2017), que descreve o fenômeno como um processo inerente à subjetividade humana onde um transbordamento de sentidos emerge a partir de fatos que ocorrem na concretude do mundo. O imaginário seria, conforme Silva (2017), um excedente de significação, uma gama de sentidos que o indivíduo, socialmente constituído e dotado de uma bagagem semântica (de experiências, conhecimentos prévios, preconceitos) atribui aos fatos ou elementos concretos, na esteira de um processo cognitivo e emocional que parte do



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

individual para a esfera social. Em resumo, equivale a dizer que aos eventos que acontecem no plano físico – no dito mundo real –, tais como uma partida de futebol ou uma tragédia, o imaginário atribui sentidos que, por si só, esses incidente não têm. É a partir desse processo, defende o autor, que mesmo uma situação trivial se torna, no âmbito da subjetividade humana, interessante, deslumbrante, repleta de cores e sentimentos.

Por conta disso, Silva (2017) insiste que “[...] o real é uma falta. O imaginário é uma sobra” (p.44). O imaginário seria, portanto, hiper-real, expressão que, para o autor, diz respeito a um real dotado de significado para muito além de sua concretude. Por conta desse excesso, o imaginário torna o fato real mais interessante, mais atrativo ao homem.

Ao fato concreto, que simplesmente aconteceu, o imaginário atribui cores, sentimentos, anseios, paixões, fazendo dele um elemento que atrai, deslumbra e congrega os indivíduos. Pelo imaginário, o fato banal ganha novos contornos. Para Silva (2017), o imaginário “[...] transforma o trivial em especial. Potencializa o banal até fazer dele o inimaginável. Reveste o acontecimento com uma película de singularidade. O sentido, como imaginário realizado, é sempre hiperespetacular e irrefutável” (p. 44). Não fosse o “plus” fornecido pelo imaginário, acredita o autor, o real – e a vida humana – seria insosso, sem graça, insuportável.

Essa relação entre imaginário e geração de novas significações também emerge das pesquisas de Ruiz (2003), que conceitua o imaginário como um processo pelo qual, mesclando elementos de razão, imaginação e sensações, o homem atribui sentidos ao mundo. O autor argumenta que o humano, como ser que se diferencia das demais espécies, particularmente, por sua alteridade, tem consciência de si como indivíduo independente do mundo natural e, portanto, é capaz de atribuir sentidos a esse. Essa capacidade teria se originado a partir da emergência do que Ruiz (2003) chama de “fratura” entre homem e mundo, expressão que remete ao momento – difícil de se precisar – em que o *sapiens* se descobre como indivíduo dotado de consciência própria e



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

distinto em relação aos demais elementos da natureza, sendo assim, capaz de observá-los, estudá-los à distância.

O autor argumenta que esse novo indivíduo, separado do mundo por conta de sua alteridade, busca compreendê-lo, em uma tentativa de suturar o que fora fraturado. Porém, a tentativa humana de entender esse mundo à parte, mesmo no âmbito científico, seria um exercício repleto de subjetividades, dada a impossibilidade de apreender os elementos e fatos empíricos sem lhes atribuir sentido. Tal exercício de compreensão diz respeito, justamente, à processualidade do imaginário. Assim, o mundo, pelo viés do imaginário, torna-se representação: seus elementos, antes destituídos de sentido, ganham significação. Desta forma, o imaginário “[...] se manifesta como fluir criador que constrói permanentemente imagens com sentido de um mundo que, por princípio natural, é insignificante para o resto das espécies animais” (RUIZ, 2003, p. 49).

Cumprido citar que para Durand (1998), uma das principais referências nessa área de pesquisa, o imaginário tem raiz mítica. O autor afirma que imagens simbólicas originadas ainda nos antigos mitos<sup>3</sup> continuariam a interferir na emergência do que ele chama de imaginário coletivo – termo que para o autor compreende, entre outros conceitos, os valores, crenças e narrativas aceitos e compartilhados socialmente pelos indivíduos. Porém, essa influência ocorreria na esteira da reconfiguração das narrativas míticas, que se daria durante a passagem de tais narrativas por diferentes camadas sociais. Nesse processo de reconfiguração, o mito antigo – bárbaro, marginal e ilógico – seria tolhido, regrado e transformado em uma narrativa pedagógica, aceita e compartilhada conforme os valores sociais vigentes em cada contexto histórico, geográfico e econômico.

---

<sup>3</sup> Cabe citar que o mito, conforme Eliade (1972), consiste em uma narrativa que, sob a ótica das sociedades que o cultuam, conta uma história considerada real e explica como deuses ou outras entidades sobre-humanas criaram, no princípio, o mundo, a natureza, o homem e a mulher. Nestas sociedades o mito é, portanto, pedagógico, não só porque oferece uma explicação para a criação do mundo, mas porque também molda o comportamento humano, dado que as ações do indivíduo não podem fugir à ética prevista pelos entes sobrenaturais. Entretanto, o antigo mito se torna ilógico para sociedades onde perdeu o caráter de história real e sagrada, passando a ser encarado como fábula ou ficção.



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

Um exemplo do fenômeno, estudado por Durand (1998), é o da literatura, que consistiria em um contínuo recontar das histórias míticas, mas com heróis, deuses e demônios em papéis invertidos. A variante de fórmulas, nesse vaivém contínuo de representações, faz com que a narrativa se distancie do seu mito de origem, deixando-o em nível não manifesto, mas ainda latente no imaginário coletivo. Em meio às reconfigurações que se processam mediante os valores das esferas sociais, o herói ou deus mítico de personalidade dúbia e egocêntrica pode se converter em um personagem bom, altruísta, envolvido em uma busca pelo bem – o mito profano, portanto, se transmuta em uma narrativa pedagógica, que passa a integrar o imaginário coletivo e a servir de inspiração aos indivíduos.

A origem mítica do imaginário foi abordada também pelo discípulo de Gilbert Durand, Michel Maffesoli. Para Maffesoli (1988), o mito, como patrimônio de um grupo social, é fonte dos simbolismos, representações e sensações compartilhados nessa esfera e que, desta forma, consubstancia a socialidade. No mito estaria, inclusive, a origem dos “motores sociais”, que impulsionam a sociedade em questão para determinados objetivos, tais como a busca pelo progresso tecnológico. Para o autor, os sonhos (ou imaginários) de progresso compartilhados por uma sociedade partem da dimensão do sagrado (do mítico), mantendo sua interferência sob novas roupagens.

Maffesoli (1988) chama de “pseudomorfose” o fenômeno onde uma forma arcaica, travestida de novas roupagens, age como matriz de um objetivo que se apresenta como novo. No entender do sociólogo, as descobertas e invenções tecnológicas, o progresso científico, decorrem da influência de crenças fincadas, em sua origem, nas histórias antigas, míticas. O sociólogo ressalta, entretanto, que a apreensão do imaginário também passa pela análise do cotidiano de uma sociedade, buscando captar seu atual momento, na tentativa de observar a sua “essência”, no presente. As sociedades, observa Maffesoli (1988), podem ser representadas a partir de suas nostalgias, mas também por seus desejos e projetos. Tais representações, gradativamente, com o passar do tempo, são ultrapassadas e dão lugar a outros imaginários – embora que se mantenha sua origem comum, no mito.



---

Podemos inferir, portanto, que para Maffesoli (1988) o imaginário é uma força motriz que impulsiona o homem para um determinado objetivo. Cabe ressaltar, porém, que para Maffesoli (1988) esse impulso não age sobre um único homem, mas sobre um conjunto de homens e mulheres – sobre uma sociedade. O imaginário, ao envolver um compartilhamento de anseios (por mudança, por progresso), e também de crenças, narrativas e valores, é elemento agregador na esfera social. É cimento social, como afirma o autor, é uma liga que mantém a sociedade unida em busca de objetivos em comum.

Na linha sugerida por Durand (1998) e Maffesoli (1988), observamos em nossa pesquisa que certas peculiaridades de Euclides Kliemann também lhe conferiam certo caráter mítico – logo, um sentido da ordem do imaginário. De Grandi (2010) o descreve como um homem poderoso e próspero, um político combativo e forjado para alçar voos ainda maiores, sobre o qual sua comunidade depositava anseios de progresso. De certa forma, era também um símbolo sagrado – ou totem, conforme expressão usada por Maffesoli (1988) – a ser cultuado e usado como referência a ser seguida pela sociedade na busca por progresso. Na esteira de uma pseudomorfose, Kliemann, assim como os antigos heróis da mitologia, também servia à sociedade como um imaginário agregador e capaz de servir como motor social.

### **3 A reconfiguração do imaginário**

À luz dos apontamentos oriundos da teoria do imaginário, no tensionamento com a epistemologia da midiatização, entendemos que as tragédias que compõem o Caso Kliemann (a morte de Margit e, posteriormente, de Euclides) geraram determinados sentidos da ordem do imaginário que, por conta da processualidade da midiatização, passaram por reconfigurações. A materialização de narrativas acerca destes dois crimes por parte de determinados enunciadores – caso dos jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão da época dos fatos – traz consigo, implícita, a materialização de um imaginário gerado no âmbito destes agentes de enunciação – dado que, por trás dos dispositivos midiáticos há indivíduos dotados de subjetividades (repórteres, redatores,



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

editores). Surgiu, portanto, um imaginário materializado em torno dos meandros do Caso Kliemann. Seguindo as inferências de Verón (2005 e 2013), podemos afirmar que esta materialização do sentido ocorreu mediante gramáticas de produção (GP) inerentes à sociedade onde tais enunciadores estavam inseridos e mediante condições de produção (CP) – tais como as técnicas de impressão e de gravação de áudio e vídeo.

Ainda seguindo Verón (2005 e 2013), observamos que a materialização destes sentidos do imaginário faz com que, na esteira do fenômeno midiático, adquiram autonomia em relação a seus autores e persistência, historicidade, no transcorrer do tempo. Considerando os desvios e as negociações de sentido que transcorrem no âmbito da circulação, neste transcurso socioespacial e temporal, onde novos sentidos se interpõem e alternam-se novas gramáticas e condições de reconhecimento (GR e CR), partimos da hipótese de que também o sentido do imaginário passa por reconfigurações no transcorrer da semiose, fazendo emergir novos imaginários no âmbito do reconhecimento em um processo que, conforme Peirce (2008), estende-se *ad infinitum*, dado que a semiose não tem fronteiras e não se esgota naquele que pode ser considerado o polo do reconhecimento.

É preciso acrescentar que a reconfiguração dos sentidos também se potencializa porque, conforme Verón (2013), vigora no polo do reconhecimento uma pluralidade de gramáticas. Para compor esse argumento, o autor parte da visada sistêmica de Niklas Luhmann e, assim, relaciona a pluralidade de GR à pluralidade de sistemas sociais – cada qual com suas complexidades e gramáticas específicas, e compostos por subsistemas, também repletos de peculiaridades.

Conforme Luhmann (2011), um sistema pode ser identificado a partir das diferenças que se estabelecem entre ele, o meio e os demais sistemas; sendo que tais diferenças dizem respeito às operações que o sistema em questão realiza, as quais, exclusivas a ele, distinguem-se das operações realizadas por outros sistemas. O autor apropriou-se do conceito de encerramento operativo, inicialmente elaborado pelo



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

biólogo chileno Humberto Maturana<sup>4</sup>, para referir-se à forma como um sistema “[...] estabelece seus próprios limites, mediante operações exclusivas, devendo-se unicamente a isso que ele possa ser observado” (LUHMANN, 2011, p. 102).

Equivale a dizer que, identificando-se como se dá o encerramento operativo – ou seja, as operações que só o sistema em questão realiza –, é possível definir suas fronteiras e, assim, distingui-lo dos demais sistemas e do meio. Por este viés, podemos entender que os dispositivos midiáticos (jornais, revistas, rádios, televisão e sites e blogs de notícias, por exemplo) podem ser entendidos como integrantes de um sistema específico – o sistema midiático –, cujas operações têm por finalidade a comunicação e que, justamente por conta disso, distingue-se dos demais sistemas que integram o ambiente social, tais como o Direito, a segurança ou a ciência, por exemplo, cuja finalidade última, de suas operações, não é a comunicação.

Retornando à visada de Verón (2013), observamos que diferentes sistemas ou subsistemas realizam suas operações próprias – que os distinguem dos demais sistemas – guiando-se por gramáticas e condições específicas, que variam conforme as particularidades, contextos sociais e, principalmente, finalidades operacionais de cada sistema. O reflexo disso, no campo dos sentidos, é que essa variação de gramáticas força diferentes sistemas a diferentes interpretações. Equivale a dizer, a título de exemplo, que determinado sentido materializado pelo sistema midiático – caso de uma notícia impressa em jornal ou transmitida em rádio ou televisão –, elaborado e apresentado conforme as gramáticas de produção inerentes ao sistema midiático, sofrerá reconfigurações quando interpretado no âmbito do sistema do Direito, cujas gramáticas de reconhecimento são outras. Daí que Verón (2013) aponta para a possibilidade de uma pluralidade de GR, variável conforme diferentes sistemas.

Desta forma, em nossa pesquisa observamos que os sentidos – inclusive, os da ordem do imaginário – materializados pelo sistema midiático da época em que

---

<sup>4</sup> No desenvolvimento de sua teoria dos sistemas, Luhmann apropria-se de uma série de conceitos de Maturana, ainda que desautorizado por esse. O próprio Luhmann (2011) releva que o chileno não admite a aplicação, na Sociologia, de conceitos cunhados para o estudo de sistemas orgânicos pela Biologia.



---

ocorreram os crimes inerentes ao Caso Kliemann conforme as gramáticas de produção vigentes no âmbito desse sistema no período em questão (década de 1960), ficam a mercê de reconfigurações por conta das variações de gramáticas que se estabeleceram tanto por conta do transcurso do tempo e da variação de espaços geográficos quanto pela própria multiplicidade de gramáticas que se estabelece conforme os diferentes sistemas presentes no polo do reconhecimento. A este fenômeno somam-se os atravessamentos de sentidos gerados por indivíduos externos ao sistema midiático, também potenciais geradores de reconfigurações, conforme assinalamos acima, em nossas inferências acerca dos apontamentos de Fausto Neto (2010 e 2018). Por conta disso, nossa hipótese é que mesmo os sentidos do imaginário passam por reconfigurações no âmbito da circulação. Veremos a seguir um exemplo disso.

### **3.1 O exemplo da Dama de Vermelho**

Em nossa pesquisa encontramos mostras da reconfiguração de sentidos do imaginário a partir dos apontamentos de De Grandi (2010), no livro onde reconta o Caso Kliemann e aborda a postura da imprensa na cobertura do assassinato de Margit. A contextualização oferecida pelo autor aponta para estratégias específicas de geração de sentidos adotadas pelos jornais – particularmente, o Diário de Notícias e o Última Hora – que extrapolaram a cobertura jornalística dos fatos concretos – reais, por assim dizer – inerentes ao assassinato e à investigação policial.

Conforme De Grandi (2010), na ocasião os repórteres passaram a elaborar personagens e situações ficcionais para povoar suas narrativas, fugindo assim à premissa jornalística de ater-se aos fatos reais. Tal estratégia, segundo o autor, já era comum nos jornais da época mesmo antes do assassinato de Margit e tinha por objetivo alavancar as vendas, ao oferecer aos leitores enredos ainda mais atraentes que os fatos concretos. No caso do Última Hora, que amargava um período de queda das vendas no período, tal expediente teria sido uma alternativa para reverter a crise financeira. A partir destes apontamentos, observamos que os jornais em questão adotaram, por força de certas condições de produção (o aspecto econômico), determinadas gramáticas de



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

produção (o emprego de personagens e fatos ficcionais) que, no transcurso do tempo, sofreram variações dentro de um mesmo sistema – o sistema midiático –, dado que atualmente as gramáticas do jornalismo não admitem o emprego da ficção em notícias. Essa variação de gramáticas mostra-se latente no tom de censura adotado por De Grandi (2010) ao abordar o tema, mostra de que sua leitura dos jornais da época deu-se sob influência de GR diferentes das GP.

Um exemplo de personagem ficcional criado pelos jornais da época tem nos ajudado a observar, em nossa pesquisa, a reconfiguração de sentidos do imaginário decorrente das variações entre CP/GP e CR/GR. Trata-se da Dama de Vermelho, que aparece pela primeira vez em uma matéria do Diário de Notícias de 23 de junho de 1962. Segundo o texto impresso pelo jornal, a dama seria uma jovem, aparentemente com 18 anos, que trajava vestido vermelho e supostamente teria sido vista saindo da casa dos Kliemann e embarcando em um táxi pouco depois do assassinato. Conforme De Grandi (2010)

[...] o Diário de Notícias passa a explorar, nas edições seguintes, o surgimento da “Dama”. E só aos poucos Última Hora admite sua existência. É quando Sérgio Jockymann<sup>5</sup> entra em cena, usa seu talento de ficcionista e *oferece a dama à imaginação dos seus leitores* (p. 102, *grifo nosso*).

A partir de então a Dama de Vermelho passou a figurar frequentemente em ambos os jornais, que a apresentavam como integrante da alta sociedade. Logo, a Dama de Vermelho seria, assim como Margit e Euclides, parte do seleto grupo que Morrin (2006) chama de olímpianos modernos, formado por indivíduos que, por força de seu status social e econômico, são reverenciados nas sociedades – tais como o eram os deuses e heróis do Olimpo. À luz de Maffesoli (1988), a Dama de Vermelho equivaleria aos indivíduos que, por seu status social, são como totens, cultuados e empregados como referências a serem seguidas no âmbito de um imaginário de busca pelo progresso econômico e social. Neste ponto, podemos observar a emergência de vínculos entre a Dama de Vermelho e a teoria, defendida por Durand (1998) e Maffesoli (1988), de que

---

<sup>5</sup> Sérgio Jockymann, escritor e jornalista do Última Hora, era um dos encarregados da cobertura do assassinato de Margit Kliemann.



## Anais de Artigos

# IV Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

o imaginário tem raízes míticas ligadas às ideias de progresso e prosperidade econômica e social.

Além disso, a opção pelo vermelho como cor das vestes da personagem nos parece outro fator potencializador de imaginários e, considerando o caráter ficcional da Dama, pode-se supor que não foi uma escolha aleatória por parte dos jornalistas do Diário de Notícias. Trata-se da cor do sangue e da paixão, um elemento que, no âmbito do imaginário, remeteria a um suposto aspecto passional do crime – outra suposição explorada pelos jornais na época. Além disso, o clima de mistério acerca da identidade da Dama de Vermelho também suscitou imaginários. Segundo De Grandi (2010), as notícias sobre o suposto envolvimento desta personagem no crime passaram a provocar, entre os leitores, toda sorte de especulações acerca de quem seria, dentre as integrantes da alta classe social porto-alegrense, a mulher de vermelho supostamente envolvida com o assassinato.

Neste viés, observamos que a descrição da Dama de Vermelho carrega consigo certas peculiaridades que potencializam a emergência de imaginários em torno dessa personagem. À luz dos apontamentos de Silva (2017), entendemos que possivelmente surgiu, à época, um transbordamento de sentidos em torno da Dama de Vermelho, transformando-a em um personagem interessante, chocante e deslumbrante, em nada banal ou enfadonho.

Contudo, toda a aura de curiosidade, mistério e deslumbramento supostamente suscitada pela Dama de Vermelho na época cai por terra na releitura de De Grandi (2010) sobre as notícias publicadas pelos jornais no período. A releitura do autor, guiada por GR diferentes em relação às GP empregadas pelo Última Hora e Diário de Notícias, reconfigura os sentidos do imaginário e a Dama de Vermelho, de misteriosa, passional e olimpiana, transforma-se em uma fraude, uma produção antiética – o que, por si só, também suscita imaginários de condenação, no âmbito de uma sociedade que compartilha os mesmos valores e imaginários de progresso (MAFFESOLI, 1988).

Equivale a dizer que o imaginário não deixa de existir na transmissão de sentidos entre os polos da produção e do reconhecimento, mas sim, reconfigura-se. Sob este



---

aspecto, a Dama de Vermelho torna-se, no âmbito de nossa pesquisa, um exemplo de reconfiguração de sentidos do imaginário decorrente do fenômeno midiático, particularmente pelo viés da variação entre GP/CP e GR/CR que se estabelecem na circulação.

Cumpramos ressaltar que a reconfiguração de sentidos do imaginário em torno da Dama de Vermelho é um dentre vários exemplos do fenômeno que seguimos analisando por ocasião de nossa pesquisa. Outro exemplo sobre o qual nos debruçamos diz respeito ao próprio Euclides Kliemann, em torno do qual também emergem imaginários que se reconfiguram no âmbito da circulação, fato observável a partir da nossa estratégia de comparar os enunciados dos jornais da época com a releitura oferecida por De Grandi (2017), conforme uma metodologia específica que desenvolvemos para fins dessa análise. E o mesmo ocorre em relação a outros personagens que surgiram no transcurso do Caso Kliemann.

Portanto, o que estamos observando são as formas pelas quais o imaginário passa por reconfigurações na circulação, tanto por força das defasagens que se estabelecem entre os polos de produção e de reconhecimento do discurso quanto por conta das negociações de sentidos que ocorrem neste intervalo – às quais somam-se eventuais atravessamentos de sentidos oriundos de agentes externos ao sistema midiático –, dentre outros fenômenos. O que já podemos afirmar é que mesmo o imaginário, sentido extrinsecamente subjetivo, fugaz e de difícil apreensão, está à mercê destes processos.

## **Referências**

DE GRANDI, Celito. *Caso Kliemann: a história de uma tragédia*. Porto Alegre: Literaris/Edunisc, 2010.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução de Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2013.



# Anais de Artigos

## IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4290

Vol. 1, N. 4 (2020)

---

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. *Rizoma - Mídia e Cultura, Narrativas*. Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8-40, dezembro 2018. Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004/7731>>. Acesso em 18 jun 2019.

LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Tradução de Aluizio Ramos Trinta. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: O espírito do tempo 1 - neurose*. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MENEZES, Floriano Peixoto Karan. *Discurso na Rádio Santa Cruz*. 1963. Arquivo de áudio mp3 (1,53 min).

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

SILVA, Juremir Machado da. *Diferença e descobrimento: o que é imaginário? (A hipótese do excedente de significação)*. Porto Alegre: Sulina, 2017.

VERÓN, Eliseo. *Fragments de um tecido*. Tradução de Vanise Dresch. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.